

A escrita autobiográfica de Juan Natalicio González

O paraguaio Juan Natalicio González (Villarrica, 1897 – México D.F., 1966) foi ensaísta, jornalista, editor, político, embaixador, diretor das revistas por ele criadas (*Guarania*, *América Económica* e *Eutaxía*) e militante da Associação Nacional Republicana (ANR), conhecida como Partido Colorado. Nascido no interior do Paraguai, González mudou-se à capital após terminar o segundo grau, e ali participou ativamente dos debates calorosos que se sucederam nas primeiras décadas do século XX, em torno da recuperação da figura de Solano López.

González participou em diferentes âmbitos da vida cultural e política paraguaia. Sua produção escrita foi fecunda, ao que somou-se a criação e direção da revista *Guarania* e da editora do mesmo nome. Sua participação na vida política nacional transitou pelos cargos de deputado, ministro, presidente e embaixador.

Em diferentes momentos morou fora de seu país nos quais forjou encontros e vínculos com pensadores latino-americanos. Seguindo os lineamentos de Juan O’Leary, principal referente do revisionismo histórico paraguaio, colaborou na reconstrução da memória nacional recuperando a figura de Solano López, condenando o liberalismo e resgatando o vernáculo, que identificava com a cultura guarani.

González impulsionou a criação do *Guión Rojo*, sua facção política no seio da ANR, e se impôs como candidato presidencial do partido para as eleições convocadas para 1948. Tanto González quanto o *Guión Rojo* foram – e continuam sendo – questionados pela violência empregada para obter resultados políticos favoráveis e denunciados por corrupção enquanto foram parte do governo.

Para conhecer a trajetória de Juan Natalicio González é possível uma primeira aproximação através da leitura de suas biografias, memórias, autobiografias e epistolários, como é necessário identificar que tipo de resgate é feito pela historiografia paraguaia. Os textos oferecem representações diferenciadas segundo a intencionalidade dos autores, o momento em que foram escritos, as editoras que os publicaram. Aqui foi escolhido analisar o epistolário de Juan Natalicio González e um texto autobiográfico/memórias como exemplo de uma escrita de si.

Tanto da leitura de textos de González quanto de considerações de amigos e/ou intelectuais com os quais ele se correspondia, se desprende que o escritor paraguaio tinha

um especial interesse em preservar tudo o que produzia ou recebia. Porém, a morte o surpreendeu no México, horas antes de empreender seu retorno ao Paraguai quando preparava a doação de sua biblioteca para sua cidade natal. Seus livros e o material do arquivo pessoal que já tinham sido encaixotados, desapareceram. Alguns textos inéditos de González foram recuperados e publicados posteriormente por Morínigo, como é o caso de suas memórias, sob o título “Vida e paixão de uma ideologia”.¹

Segundo Ashwell, as caixas foram vendidas como papel, por peso, a diferentes sebos no México.² A declaração confere com a memória da biblioteca da Universidade de Kansas, que adquiriu dois lotes do arquivo de González de um sebo da Carolina do Norte, entre 1975 e 1976.³ Nesta documentação, catalogada sob a denominação *Natalicio Gonzalez Collection*, encontra-se parte da correspondência entre Morínigo e González. Outro grupo de cartas corresponde às enviadas a Arciniegas, que formam parte do arquivo pessoal do escritor colombiano, atualmente no Arquivo Nacional da Colômbia.

As cartas de González para Morínigo, que se encontram na Biblioteca de Kansas, foram redigidas entre 1951-1966, completando 14 missivas.⁴ As cartas de González para o colombiano Germán Arciniegas, escritas entre 1942 e 1957, chegam a um total de 18.

Para Ângela de Castro Gomes, o emprego das cartas como fonte/objeto da escrita de si deve contemplar que elas constituem “um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período”.⁵ Para a autora, as cartas, assim como os diários e as memórias, são textos íntimos. Mas no caso das cartas, o que é escrito “só pode ser apreendido em função de um ‘outro’”, que é quem recebe e se torna seu proprietário.⁶ Deste modo, a autora alerta sobre os diferentes tipos de missivas segundo o relacionamento do autor com o destinatário, o que está diretamente vinculado ao “lugar social” de quem escreve, ou seja, à posição que ocupa no campo intelectual e político.

Gomes identifica, basicamente, dois tipos de correspondência: um, está integrado pelas cartas que servem como instrumento de construção de redes, enquanto que o

¹ González, Juan Natalicio. *Vida y Pasión de una ideología*. Asunción: NAPA, 1982.

² Entrevista a Washington Ashwell, por Luiz Felipe Viel Moreira. Assunção, 2012.

³ Natalicio Gonzalez Collection, Special Collections, Spencer Research Library. General Description, p.3.

⁴ No mesmo arquivo e, para o mesmo período, há 131 cartas de Morínigo para González. Pelos diálogos epistolares entre ambos percebe-se que muitas cartas do primeiro se extraviaram, pelo que é possível dimensionar que o número de missivas que González enviou a Morínigo foi muito maior que o considerado aqui.

⁵ GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. (p.52).

⁶ GOMES (2004: p.53).

segundo está composto por missivas de amizade intelectual, de caráter mais informal e interessante pela evocação de sentimentos, além da troca de ideias e favores.⁷

Se bem o epistolário de González é fragmentado e incompleto, a correspondência trocada com Arciniegas mostra o modo em como González buscou estabelecer e manter um círculo de amizades latino-americanas num momento dado de sua vida política e intelectual, que se estende entre as décadas de 1940 e 1950. As cartas destinadas a Morínigo correspondem a outro momento, aos últimos três lustros da vida de González, quando de seu último exílio no México, e trata-se de uma correspondência mais afetiva, na que a exposição do autor é maior, tanto no plano emocional quanto no político.

I. Uma correspondência formal: cartas para Arciniegas

Arciniegas e González se conheceram entre 1939 e 1940, na capital argentina, enquanto o primeiro era representante diplomático de seu país e o segundo vivia no exílio, após uma turbulenta década de 1930 no Paraguai. Ambos frequentavam os mesmos círculos de intelectuais, como as reuniões da Força de Orientação Radical da Jovem Argentina (FORJA) e as dos professores nucleados na Universidade de La Plata, cujo principal referente era o radical reformista Gabriel Del Mazo.

O contato iniciou-se de modo pessoal, mas em 1941 passou a ser quase exclusivamente epistolar porque Arciniegas voltou para Colômbia para integrar-se ao governo liberal como ministro de Educação.

González referia-se ao intelectual colombiano como “amigo”, mas o tratamento era formal fazendo uso do pronome pessoal “*usted*”, exceto na última missiva em que adotou o pronome “*tú*”.

As cartas foram remetidas por González entre 1942 e 1957; porém, treze delas concentram-se entre 1948 e 1952, coincidentes com a presidência de Natalicio González, o golpe de Estado que provocou sua saída do Paraguai e o exílio na Argentina e no México. A leitura desta correspondência deixa entrever dois tipos de preocupações por parte de González, segundo o momento pelo que atravessava na hora da escrita: a troca intelectual e as questões políticas.

É perceptível o uso de uma linguagem diferenciada segundo escrevesse como presidente, como exilado ou como embaixador. Por tanto, é possível identificar três

⁷ GOMES (2004: p.54).

momentos na relação epistolar de González com Arciniegas.

As duas primeiras missivas, de 1942 e de 1943, foram um meio para manter o vínculo intelectual com o escritor colombiano, através da troca de publicações, recomendação de autores e reenvio de artigos jornalísticos de mútuo interesse.⁸ É o início da correspondência e o momento mais formal da relação.

Um segundo momento teve lugar com a reativação do vínculo epistolar em 1948, enquanto González era presidente do Paraguai. À preocupação dos intercâmbios editoriais, somou-se o seu interesse em mostrar o Paraguai sob seu governo, em contraste com o Paraguai pós 29/01/1949, dia do golpe que o derrocou.⁹ As missivas passaram a ser mais frequentes após esta data.

González via em Arciniegas um amigo intelectual e um aliado a nível internacional que podia dar fé do que “verdadeiramente” acontecia no Paraguai, antes e após o golpe de 1949. Primeiro, se dirigiu a ele desde o lugar de poder que ocupava, o que lhe permitia convidá-lo em forma insistente a visitar o Paraguai para ser testemunha presencial das mudanças operadas no país durante o curto governo de González.

O tom das seguintes missivas mudou progressivamente a partir de 1949, quando González lhe escrevia desde o exílio. O interesse em preservar um aliado político internacional mudou o sentido das cartas: já não se tratava do escritor colombiano que poderia dar testemunho do seu próprio governo enquanto exercia o poder, senão que através de Arciniegas, o mundo intelectual latino-americano poderia conhecer as ignomínias do novo poder instalado no Paraguai; conhecer os logros de seu breve governo interrompido em janeiro de 1949, além de coordenar a “inteligência americana” contra as ditaduras do continente.

Para isto, González lhe enviava informações sobre acontecimentos políticos do Paraguai e lhe propunha iniciar a organização dos intelectuais latino-americanos democratas.¹⁰ O uso do pronome em primeira pessoa do plural “*nosotros*” começou a ser central a partir de 1949:

Los hombres libres de América **vivimos** desconectados, mientras las fuerzas de la opresión actúan orgánicamente. ¿Por qué no **unirmos**? ¿Por qué no estudiar el desgarrador problema americano en un esfuerzo para poner término a **nuestros** males?

⁸ Cartas de JNG a Germán Arciniegas (GA), de 03/07/1942 e de 18/08/1943. IN: Arquivo Nacional da Colômbia (ANC), Caixa 21, Pasta 29.

⁹ Carta de JNG a GA, de 05/10/1948. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

¹⁰ Carta de JNG a GA, de 14/05/1949. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

Algo he meditado sobre la tragedia continental y he llegado a estas conclusiones: **nuestro** problema no es local sino continental y no puede tener solución aislada; digo crear, en todas **nuestras** Repúblicas condiciones adecuadas para la [ilegível] de la libertad, lo cual supone un planteamiento totalmente nuevo de **nuestros** problemas económicos y culturales; y por último, para triunfar, **necesitamos** dar categoría mundial a **nuestros** problemas...

Pienso, finalmente, que **usted y yo... estamos** en condiciones de prestar grandes servicios a la causa de Indoamérica, entregándonos a una acción orgánica, de acuerdo a mi planteo que **podemos** estudiar y discutir.¹¹

A proposta de González, que incluía Arciniegas em um “nós” de “homens livres” ou “escritores democratas do nosso hemisfério”¹², foi apresentada insistentemente ao escritor colombiano e compreendia a criação de uma revista, de uma editora e de um fundo para o financiamento da propaganda contra as ditaduras do continente, para servir ao “ideal da libertação americana”, constituído pelo lucro das vendas.¹³

As cartas escritas em Buenos Aires e na cidade do México, entre 1949 e 1952, a pesar de formais, dão a impressão de uma intensa busca de aliados “continentais”, entre os quais, Arciniegas teria tido um papel estratégico pelo seu prestígio e pela sua inserção em circuitos intelectuais mais amplos. O tratamento era com um par, com um igual; González lhe escrevia a um escritor exilado como ele, já que o governo liberal do qual tinha sido ministro de educação, tinha perdido o poder a favor do partido conservador. Para Arciniegas, foi a década do exílio nos Estados Unidos (1947-1959).¹⁴

O uso do pronome “nós” foi perdendo força nas últimas cartas deste segundo momento. Talvez, González ficasse “sentido” pelo fato do “distinguido amigo” não ter enviado o artigo prometido para o livro que organizara para homenagear o presidente mexicano Miguel Alemán, “México no mundo de hoje” (1952). Porém, não podia deixar de agradecer energicamente o capítulo que Arciniegas dedicara ao Paraguai em seu livro “Entre la libertad y el miedo”, baseado quase exclusivamente nas informações e nos textos recomendados por González.

Um terceiro momento da relação epistolar de González com Arciniegas reiniciou-se dois anos mais tarde, em 1954, sendo apenas três cartas no total. Na primeira missiva deste momento, González aludia ao longo silêncio entre ambos, ao ponto de não saber onde morava o escritor colombiano. Após passar algumas informações sobre a marcha da

¹¹ Carta de JNG a GA, de 08/12/1949. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29 (o destaque me pertence).

¹² Carta de JNG a GA, de 14/08/1952. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

¹³ Ver: Cartas de JNG a GA, de 26/04/1950 e de 23/10/1951. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

¹⁴ COBO BORDA, J.G. (Comp.). *América Ladina, Germán Arciniegas*. México: FCE, 1993 (p.XI).

venda dos livros de Arciniegas, editados pela *Guarania*, González reforçava que continuava no México, onde seguia sendo “muito bem tratado”.¹⁵

A formalidade desta carta lembra às duas primeiras, e só é interrompida quando, entusiasmado, lhe conta sobre os novos ares que estariam soprando em Assunção, onde “meus amigos estão ganhando terreno na sua luta”.¹⁶ González estaria entusiasmado não tanto com a ascensão política de Alfredo Stroessner e sim com a queda de seu arqui-inimigo Federico Chaves.

Na seguinte carta, de janeiro de 1956, manifestava um entusiasmo mais eloquente, após ter voltado ao Paraguai, “respondendo a um chamado urgente do presidente Stroessner e dos dirigentes oficialistas do Partido Colorado”. Como resposta a um cartão postal enviado por Arciniegas, González aproveitava a ocasião para mostrar seu êxtase pelo regresso a seu país, porque “depois de sete anos de ausência, meus amigos paraguaios me receberam com uma grande recepção”.¹⁷

A satisfação era ainda maior pelo derrocamento de Perón, principal aliado internacional de Federico Chaves. É provável, também, que a euforia se devesse a que Stroessner o tinha convocado para nomeá-lo embaixador, o que era um reconhecimento oficial à sua figura política e uma solução financeira para sua vida.

Por último, González lhe agradecia a Arciniegas pela “fraternal solidariedade nestes sete anos amargos de luta sem quartel, da qual acabamos de sair vitoriosos e com maior prestígio popular”.¹⁸ Aqui, González voltava a utilizar o pronome “nós” para se referir a ele próprio e seus pares paraguaios; era um “nós” reestruturado que dava conta de uma identidade recuperada. A identidade nacional se sobrepunha a identidade continental na conjuntura marcada pela ascensão política de Stroessner e sua aliança com o Partido Colorado.

Este “nós” recuperado era quem agora convidava o escritor colombiano para dar um curso na Universidade Nacional de Assunção. Era um “nós” qualitativamente diferente e Arciniegas não fazia parte dele senão como amigo externo.

A última missiva enviada a Arciniegas é de 1957 e é a única na qual González tenta dar um ar mais íntimo ao usar o pronome “tu”. Porém, ela é forçada e sem fluidez ao misturar num mesmo parágrafo o uso do “*usted*” e do “*tú*”. O envio de informações sobre

¹⁵Carta de JNG a GA, de 12/11/1954. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

¹⁶Carta de JNG a GA, de 12/11/1954. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

¹⁷ Carta de JNG a GA, de 06/01/1956. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

¹⁸ Carta de JNG a GA, de 06/01/1956. IN: ANC, Caixa 21, Pasta 29.

o Paraguai e a solidariedade com Arciniegas eram feitos desde o lugar de embaixador, sem projetos políticos comuns. Só restava o que tinha iniciado a relação: a troca de publicações.

Não é possível afirmar que a correspondência foi interrompida, mas é provável que Arciniegas considerasse prudente manter certa distância de Natalicio González, entanto representante do governo de Stroessner, a pesar de algumas identificações comuns como o marcado antiperonismo e o anticomunismo de ambos.

II. As ressalvas de uma correspondência intimista: cartas para Víctor Morínigo

Víctor Morínigo (1898-1981) foi o companheiro de todas as horas de Natalicio González: amigo fiel e principal colaborador do líder do *Guión Rojo*, ambos trabalharam irmanados ao ponto de seus amigos mais próximos, e eles próprios, não reconhecerem a autoria de alguns documentos e/ou artigos.¹⁹

Nascido no seio de uma família liberal, Morínigo desistiu da carreira militar após um breve período na Escola Naval uruguaia para se dedicar ao jornalismo e a ensaística. Conheceu González em Buenos Aires, no início da década de 1920, justamente através do jornalismo.²⁰ Entusiasmado com os ideais de González, Morínigo incorporou-se ao Partido Colorado para “trabalhar juntos num empreendimento cultural, político e social que compartilharão sem trégua nem pausas ao longo de suas vidas”.²¹

De fato, a cooperação entre os dois escritores paraguaios só foi interrompida com o decesso de González em 1966. Nos anos em que este último viveu no México, Morínigo perambulou por vários países da América e da Europa, na qualidade de exilado e/ou embaixador. Em várias ocasiões, tentou se estabelecer definitivamente no Paraguai, mas, sem sucesso, viu-se compelido a aceitar as sucessivas designações como embaixador no Peru (1956-1959), na Venezuela (1959-1960) e na Itália (1960-1963).²²

¹⁹ São frequentes as afirmações como a de GONZÁLEZ: “Não há um limite preciso que possa separar o que pertence a Víctor Morínigo ou o que me pertence na formulação do pensamento colorado”. In: González, J.N. *Vida y Pasión de una Ideología*. Assunção: LAPA, 1982. Ver também: MORÍNIGO, V. *Ensayos y escritos*. Assunção: Gráfica Color, 2004 (Prólogo de Marcial Valiente, p.III) e Carta de JNG a Víctor Morínigo (VM), de 14/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁰ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G.J. *Natalicio González, Descubridor Del Paraguay*. Assunção: *Guarania*, 1951 (p.104).

²¹ VALIENTE, M. *Prólogo*. In: MORÍNIGO, V. (2004: p.V).

²² Da leitura das cartas de Morínigo a González desprende-se o sentimento de pesar e de contrariedade por não poder voltar ao Paraguai. Nos quinze anos de correspondência, Morínigo descreve os mais diversos mecanismos do governo de Alfredo Stroessner para manter seus adversários políticos longe do território paraguaio. Talvez a estratégia mais eficaz de Stroessner para se manter no governo tenha sido a nomeação dos opositores como embaixadores. Ver: SEIFERHELD, A.M. e TONE, J.L. *El asilo a Perón*

O contexto das cartas que Natalicio González enviou para Víctor Morínigo, a pesar de terem sido preservadas só 14, pode ser reconstruído a partir do epistolário de Víctor Morínigo. As cartas foram escritas num período de quinze anos (1950-1965) de trocas periódicas: em alguns momentos, tinham se proposto manter uma comunicação semanal; em outros, a escrita era diária; porém, há ocasiões em que a correspondência se interrompia por vários meses.

Os dois amigos explicitavam a necessidade de sustentar o vínculo epistolar periódico para se manterem informados do que acontecia no Paraguai, mas também era um mecanismo de diminuir os sentimentos de “isolamento” e “saudades”. Somado ao “relatório da situação no Paraguai”, algumas cartas oferecem ideias e/ou planos de ação para mudar, manter ou reverter alguma circunstância no exílio, no Partido Colorado ou na política paraguaia. Mas tudo isto era feito com um rigoroso cuidado para evitar que as cartas caíssem nas mãos “equivocadas”, refletindo uma preocupação obsessiva com a possibilidade de as cartas se extraviarem.²³ O sigilo era extremo, mas sem interromper a periodicidade.²⁴

Tamanho cuidado reflete a apreensão desses intelectuais serem vigiados o tempo todo. Os tentáculos do Estado paraguaio, nas mãos de adversários políticos de Natalicio González – primeiro sob a presidência de Federico Chaves (1949-1954) e, depois, sob o governo de Alfredo Stroessner (1954-1989) –, agiriam dentro e fora das fronteiras do Paraguai, independentemente dele ser um exilado ou um representante diplomático desse

y la caída de Epifanio Méndez. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988 (Introd.); Asociación de Diplomáticos Escalafonados del Paraguay (ADEP). *Representantes Diplomáticos Paraguayos*. Assunção: ADEP, 2011.

²³ Para evitar o “extravio” da correspondência, ambos os escritores evitavam o uso do correio oficial de países como o Paraguai e a Argentina. Para uma maior segurança e celeridade na entrega das cartas recorriam a amigos ou parentes que viajassem aos respectivos destinos de González e de Morínigo; ou enviavam a correspondência através de correios de/para países vizinhos; noutras ocasiões, o destinatário e/ou o remetente eram terceiras pessoas, de extrema confiança de ambos. Para garantir que a carta tinha sido recebida, os dois amigos iniciavam cada missiva explicitando a carta à qual estavam respondendo, indicando as datas de envio e recebimento. Em várias ocasiões, para evitar o reconhecimento dos emissários encarregados da entrega das cartas, escreviam seus nomes só com as iniciais. Para González, alguns temas não deviam ser tratados explicitamente nas cartas até não “ter uma via segura de comunicação” (Carta de JNG a VM de 27/01/1954. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3). Todas estas estratégias foram mantidas ainda enquanto ambos os escritores foram embaixadores, o que não era garantia de sigilo absoluto. Em 1958, Morínigo queixava-se da violação de sua correspondência particular dentro de sua residência de embaixador em Lima. Ver: Carta de VM a JNG, de 28/02/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁴ A primeira carta de Morínigo para González da documentação consultada é de 26/06/1950 e nela o autor coloca de relevo que com ela “iniciamos assim uma nova série” de missivas semanais. Em carta de 05/01/1952, Morínigo justifica a interrupção epistolar devido a problemas com os intermediários. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

mesmo Estado. Neste contexto, González preocupou-se, essencialmente, com três temporalidades de sua vida: a fase do exílio – seu presente –; o momento para agir – seu futuro imediato – e a posteridade – seu futuro pós morte. Estas temporalidades se entrecruzam permanentemente na escrita.

A correspondência de González para Morínigo faz uso de uma linguagem que reflete a afetividade e a proximidade dos dois escritores. Ao tratamento informal (tu), somava-se o uso de abreviaturas, frases codificadas – para se referir a pessoas ou situações que não podiam ser nomeadas, ou bem num sentido jocoso –, apelidos para os inimigos, enquanto os amigos eram tratados pelo primeiro nome; González permitia-se expressar seus sentimentos de carinho e reconhecimento para com Morínigo, “amigo incomparável, tal vez o único que me resta”.²⁵

Sem dúvida, é uma narrativa muito próxima da linguagem oral. O próprio González assim o reconhecia: “Percebo que estou incorrendo naquele estilo discricionário... Não posso evitá-lo. Nas cartas, me agrada ser como nas conversações”.²⁶ Porém, a pesar dessa proximidade verbal, o estilo de González é mais reservado – ou menos “espontâneo” – que o de Morínigo.

Ao contrário de Morínigo, González não fez referência a assuntos domésticos e/ou conjugais; e em relação à questão financeira, das três cartas correspondentes ao período prévio à sua nomeação como embaixador, nenhuma fala nada a este respeito. As onze cartas restantes correspondem ao período em que foi embaixador e, se bem menciona perceber um salário é para ironizar seu exílio “assalariado”, sem explicar o maior ou menor peso dessa renda na sua vida cotidiana.

É a partir de sua fala sobre a situação interna do Paraguai e o que deveria ser feito, que González se situa na posição de líder, acalmando o amigo e dando as diretrizes de ações futuras. Morínigo fazia sugestões, críticas e propostas a González; mas era este quem, com grande sutileza, aceitava, rejeitava e/ou aprovava as ideias do amigo.

Em relação à primeira temporalidade, o exílio, o dois amigos referiam-se ao distanciamento físico e político do Paraguai. González reivindicou sua condição de exilado até sua morte, embora em 1956 fosse nomeado embaixador.

Até 1956, González insistia em manter uma correspondência periódica e reconhecia o trabalho de Morínigo na organização da oposição ao chavismo desde o exílio. Após

²⁵ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁶ Carta de JNG a VM de 14/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

1956, González era mais explícito: entendia que havia sido objeto de calúnias desde sua saída do Paraguai; mas, dadas as “circunstâncias”, sua melhor contribuição e estratégia era o silêncio: “Hoje me calo, e penso manter meu mutismo enquanto não me firam”, pelo bem do partido e do país.²⁷

Trabalhar na embaixada era, segundo González, uma forma de servir seu país, embora não contasse com a “colaboração de Assunção”. Dito “serviço” era complementado com o serviço intelectual: “Estudo intensamente, leio e escrevo”.²⁸ Se González tinha acedido a aceitar uma embaixada no marco de expulsão stronista, sentia a necessidade de se justificar diante da posteridade.

Natalicio referia-se de diferentes maneiras a seu exílio, sempre com certa nostalgia e ironia: “esta minha solidão mexicana”, “minha tumultuosa solidão americana”, “desterro assalariado”, “meditativa solidão”, etc.; mas sem explicitar por que se sentia no ostracismo. Só referia-se metaforicamente aos motivos que Stroessner teria para mantê-lo distante do Paraguai: “O alemão é tão desconfiado quanto um galo zarolho. Ele não tem antipatia da gente: o que ele tem é medo de nós, alimentado pelos chavistas”.²⁹

A narrativa mais espontânea, menos medida, de Morínigo permite reconstruir os mecanismos utilizados pelo governo de Stroessner e pela Junta de Governo do Partido Colorado para manter os adversários não só fora do território paraguaio, como também longe de suas fronteiras. González tinha a liberdade de viajar a qualquer país que não fosse sul-americano.

Dali, a importância das cartas de Morínigo informando-lhe sobre o que acontecia no Paraguai. Segundo González Delvalle, Natalicio González tinha três obsessões: o Partido Colorado, Federico Chaves e o Partido Comunista.³⁰ As três aparecem nas cartas, mas com um peso diferente y mostram a preocupação de González com seu futuro imediato.

O protagonismo do Partido Colorado na política nacional e a exclusão do chavismo eram essenciais para González. Se bem Morínigo e González apresentaram diversos “planos de ação” ao longo dos quinze anos de correspondência, em geral, o líder dos *guiones rojos* reiterou seu “conselho” de não conspirar contra Stroessner: este não era um

²⁷ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁸ Carta de JNG a VM de 14/04/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁹ Carta de JNG a VM de 02/08/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

³⁰ GONZÁLEZ DELVALLE, Alcibíades. *La Hegemonía Colorada (1947-1954)*. Assunção: El Lector-ABC Color, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, N° 12).

mal em si mesmo, senão um sintoma do mal chavista. No lugar de conspirar, González propunha “uma higiene mental” de “nossos amigos que, arrastados pela propaganda chavista, identificam erroneamente as causas do mal”, para depois hegemonizar o grupo que servia de suporte partidário a Stroessner.³¹

Para González, a única ação possível sob a hegemonia stronista era a execução de soluções para o “problema camponês” através da distribuição de terras, ferramentas e créditos. Isso seria “um freio pra o chavismo, de mentalidade e procedimentos liberais, que despoja os camponeses de todos seus direitos”.³²

Porém, apoiar Stroessner trazia sérias contradições e o distanciamento de antigos aliados latino-americanos. Como embaixadores, os intelectuais paraguaios tinham a missão de “limpar” a imagem do governo stronista, acusado de ditatorial e repressor.³³ Extraoficialmente, González e Morínigo apresentavam-se como diplomatas colorados não stronistas.³⁴

Nas últimas cartas, González deixava transparecer o desejo de o governo de Stroessner chegar a seu fim, mas ao mesmo tempo, parecia entender que as regras do jogo político tinham mudado e que os *guiones rojos* estavam “ausentes” desse jogo. Contrário a conspirações e favorável a dar um apoio condicionado a Stroessner, González argumentava:

La eliminación de Stroessner, en un momento en que el comunismo cuenta con un apoyo internacional poderosísimo, y en que en el coloradismo proliferan ambiciosos incultos y sin ideas, sin envergadura de estadistas, provocaría una crisis más grave que la que estalló a raíz de mi eliminación de la presidencia.

Stroessner a mí me odia profundamente, y probablemente a ti también, pero eso no cuenta. Lo que nos interesa es el Paraguay y no nosotros. Sobre estas realidades hay que esbozar una política constructiva.³⁵

O futuro pós morte não era um tema menor. González tinha especial interesse em se projetar para a posteridade como defensor de diversas causas, entre elas, a do “povo

³¹ Carta de JNG a VM de 24/06/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

³² Carta de JNG a VM de 05/08/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

³³ Morínigo contava em suas missivas o progressivo distanciamento de membros do aprismo enquanto esteve no Peru, mostrando-se muito desiludido com Luis Alberto Sánchez, acolhido como exilado pelo Paraguai, sob o governo de González em 1948. Ao ser nomeado como embaixador em Caracas, lhe pediu a González sua intervenção diante do governo de Rómulo Betancourt (1959-1964) para poder assumir o cargo. Porém, dita intervenção não teve resultados positivos e Morínigo foi declarado “pessoa não grata”, abandonando Caracas aos poucos meses de ter chegado. Ver: Cartas de VM a JNG. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

³⁴ Carta de JNG a VM de 05/08/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

³⁵ Carta de JNG a VM de 14/01/1965. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

colorado”, do camponês descendente do guarani e do espanhol, e por isto propunha diferentes medidas econômicas favoráveis aos camponeses. Segundo Fabiana Fredrigo, a escrita de si é nutrida por aquele que escreve e pelo “personagem do texto” criado por quem escreve.³⁶ Assim, González expressava a convicção de que:

Nuestro paso por la política, unidos por una amistad ejemplar en una época de traiciones y felonías, será visto por la posteridad como un nimbo de luz y como un caso ejemplar de eficiencia, de limpieza moral y de pensamiento constructor. Y eso debe colmar nuestras ambiciones.³⁷

A decisão de guardar “silêncio” durante seu último exílio para se dedicar exclusivamente à atividade intelectual e para servir a seu povo através de seu trabalho na embaixada era outra faceta para consolidar seu prestígio como escritor e erudito responsável da difusão da história, da geografia e do povo paraguaios.

Se a história recompensaria Natalicio González reconhecendo sua obra e seu sacrifício pessoal em prol do país, não faria o mesmo com alguns opositores que “estão tendo um final sem glória e sem honra”.³⁸ González dizia preferir “morrer no exílio a se misturar com essa gente”.³⁹ À ideia de uma vida dedicada à causa do povo colorado e à vida intelectual, somava-se a necessidade de construir a imagem de honestidade, dedicação desinteressada e incorruptibilidade.

III. As memórias de Juan Natalicio González

Em 1982, foi publicado o livro “Vida e paixão de uma ideologia”, de Juan Natalicio González, pela editora paraguaia NAPA. Pela correspondência trocada com Víctor Morínigo, percebe-se que ele foi concebido nos últimos anos de vida do autor, durante a década de 1960. Porém, correspondeu a Víctor Morínigo a recuperação e organização dos textos. O livro apareceu um ano após a morte de Morínigo.

É possível advertir que é um texto inconcluso ou que talvez tenha sofrido intervenções de Morínigo. Ainda assim, o produto final acaba atingindo o objetivo do autor: deixar suas memórias para a posteridade. González não se preocupou em narrar assuntos pessoais, íntimos; e sim em contar a “verdadeira história” sobre os fatos políticos que rodearam sua vida: sua militância no Partido Colorado, seus atos de governo, seus

³⁶ FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas. A correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*. São Paulo: Unesp, 2010 (p.56)

³⁷ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

³⁸ Carta de JNG a VM de 23/03/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

³⁹ Carta de JNG a VM de 02/08/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

exílios, sua ideologia, seu prestígio.

Morando no exílio, González queijava-se de ser objeto de sucessivas e agressivas difamações por parte de seus opositores. Se bem na correspondência com Morínigo tenha declarado que no exílio a melhor arma era o silêncio, González sabia da importância de deixar a “seu povo” o relato do que “realmente tinha acontecido” enquanto ele militava desde as colunas dos jornais do Partido Colorado – Patria –; de quando foi ministro de Economia e presidente, assim como das penúrias e adversidades pelas que teria atravessado após abandonar seu país em 1949.

Para contar os “verdadeiros fatos” da história paraguaia, era necessário fazê-lo de um modo profissional, legitimador: desde o papel do historiador. E assim o enunciou Natalicio González já no primeiro parágrafo da introdução:

En mi lejano retiro de México los ecos de las disputas rioplatenses llegan atenuados y con retardo. Los libros, los periódicos, que amigos diligentes me remiten, ya no encienden las pasiones ni provocan las cóleras de los que viven un drama o pugnan por fijar rumbos a la historia que se está elaborando. La distancia se interpone entre el espectador y los acontecimientos con el mismo suave imperio atenuante del tiempo, y hay que evocar lo que acontece en el Paraguay, por ejemplo, con el arte del historiador que reconstruye un fragmento del pasado a través del testimonio de quienes lo vivieron.⁴⁰

Natalicio González se arrogava, assim, o direito de contar a verdade sobre seu passado pessoal, ao mesmo tempo em que se via no dever de analisar a verdadeira história de seu país a partir do papel de erudito que se auto-adjudicava e lhe fora reconhecido por alguns intelectuais paraguaios e latino-americanos. Neste duplo papel – autor/historiador –, González apelou, nos seus últimos anos de vida e no exílio, à escrita auto referencial.

A escrita auto referencial de Natalicio González situa-se no encontro entre a autobiografia e as memórias: o autor – Juan Natalicio González – narra a vida do personagem principal – Natalicio González –, mas o faz também como memorialista: recorre à memória pessoal ou a memória socialmente construída – cartas, memórias de terceiros, documentos “oficiais” – majoritariamente produzida por partidários de González. Como memórias, seu livro se debruça sobre outros personagens, identificados como adversários, amigos ou traidores.

A tentativa de construir uma autoimagem positiva no momento em que González estava próximo de completar os setenta anos de idade, está vinculado à necessidade de perpetuar essa imagem após sua morte. Se bem este intelectual tinha projetos para o

⁴⁰ GONZÁLEZ, J.N. **Vida y Pasión de una Ideología**. Assunção: Napa, 1982 (p.33).

futuro, era consciente que estava cada vez mais perto do final de sua vida. Para evitar a “difamação” e o “esquecimento” era essencial “limpar” seu nome como identificar quem eram os amigos, os adversários e os traidores “de Juan Natalicio González”, o que para o autor, era praticamente o mesmo que dizer “da pátria” ou “do povo colorado”.

Como afirma Beatriz Sarlo, o relato autobiográfico serve para expor ideias, propostas e posições. Ao tomar Sarmiento como caso de estudo, a autora destaca a centralidade do autor/personagem como exemplo de vida: a vida dos outros que aparecem na escrita autobiográfica se medem a partir da vida exemplar do personagem da narrativa.⁴¹ Salvando as diferenças ideológicas com o intelectual argentino, González também se constrói a si mesmo como um modelo cujas características são todas significativas: incluso as mudanças ideológicas que precisam ser justificadas diante dos críticos, surgem como atos necessários de alguém que deveu mudar seu rumo em diversas oportunidades em benefício do bem comum.

González torna-se a si mesmo uma vida memorável, emblemática. Se Sarmiento apresentava-se com o perfil do herói cultural, portador da civilização contra a barbárie, González fez o caminho inverso: adotou o perfil do herói cultural que resgatou a identidade indígena rio-platense para o mundo: ele considerava o Paraguai como o berço e o coração da identidade guarani, irradiada por toda a região do Rio da Prata.⁴²

Ao longo do livro – como ao longo de toda sua produção escrita – surgem dois tipos de imagens de González: uma é a elaborada em forma escrita e a outra é visual, a partir dos retratos fotográficos ou pictográficos. A partir dos escritos, o autor se retrata como autodidata: ávido por ler e conhecer, foi se formando sozinho como intelectual, lendo os clássicos e aprendendo por si mesmo várias línguas. É uma imagem longamente elaborada através de toda sua produção e condensada na autobiografia analisada aqui.

Já a imagem visual – igualmente explorada ao longo de toda sua produção – é aparentemente mais tímida. Porém, o uso reiterado de algumas imagens em diversas publicações requer uma reflexão ao respeito. A importância dada à imagem se reflete

⁴¹ SARLO, Beatriz. *El voluntarismo biográfico*. In: **Escritos sobre literatura argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007 (pp.15-17). Consultado em: **Usos de la biografía en el siglo XIX. Argentina y Cuba**, Dossier N° 52 do Programa Interuniversitario de Historia Política, 15/06/2015. Disponível em: <http://historiapolitica.com/dossiers/biografia-xix> (acessado em: 20/06/2015).

⁴² SARLO, B. Op.cit. Durante sua estadia no México, González dedicou-se à divulgação dos mitos, da língua e da cultura guarani através da publicação de artigos em diversos periódicos. O reconhecimento nesta área de estudos lhe valeu sua nomeação como vice presidente do Conselho Diretivo do Instituto Indigenista Interamericano, em 06/09/1956. In: Boletín Indigenista do Instituto Indigenista Interamericano, México, Dez. 1956, Vol.XVI, N°4, p.298.

também no interesse de González em conservar fotografias de si mesmo, sozinho ou acompanhado de familiares, políticos e intelectuais; junto com desenhos e retratos em forma de pinturas e esculturas; fotografias dele publicadas em jornais de diferentes procedências nacionais, etc., em seu acervo pessoal.

González organizou seu livro a partir de uma ordem cronológica, desde seus inícios como jornalista e como militante do Partido Colorado até seu exílio no México; mas dita ordem é um artifício para dar coerência não só ao relato, como assim também ao personagem Natalicio González: reverter a imagem de homem público corrupto e de intelectual que claudicou de seus ideais se constitui em central para poder oferecer a imagem de um homem comprometido com seu povo, o povo camponês “colorado” de raízes guaranis, capaz de todos os sacrifícios em benefício deste objetivo altruísta.

IV. Considerações Finais

Há diferentes modos de se debruçar sobre a vida e obra de um intelectual como Juan Natalicio González, quer seja a partir de suas biografias, da análise de seus escritos, de sua trajetória política, de suas memórias ou, como foi feito aqui, a partir de seu epistolário e da autobiografia. Este tipo de fonte permite resgatar a percepção que o próprio intelectual tinha de si mesmo, quais eram suas principais preocupações e quais suas projeções para o futuro.

A maioria das cartas analisadas aqui corresponde a um período posterior ao derrocamento de González da presidência do Paraguai. Por tanto, elas refletem seu estado de ânimo e suas estratégias de sobrevivência política e intelectual estando fora de seu país.

Até sua nomeação como embaixador em 1956, o epistolário sugere um Natalicio González obsessivo com o fato de seu principal adversário partidário, Federico Chaves, estar no controle do executivo no Paraguai. A contrapartida era o planejamento de seu regresso triunfal a Assunção, tanto para recuperar sua liderança partidária como na política nacional.

Após 1956, González começava a dar sinais de perceber que o jogo político tinha mudado substancialmente no Paraguai e que ele próprio tinha sido deslocado do mesmo. Embora não o admitisse explicitamente, González passava a ter consciência de que as possibilidades reais de um retorno desvaneciam-se progressivamente.

Restava-lhe cuidar de sua imagem para a posteridade, aconselhando a amigos como

Morínigo a não conspirar numa última tentativa de não ser mais associado a manobras violentas para recuperar o poder, ao mesmo tempo em que omitia deliberadamente emitir juízos sobre o governo de Stroessner para se dedicar exclusivamente à atividade intelectual, última escolha para aceder à redenção de sua memória. Diante da perspectiva real de não poder voltar mais ao Paraguai, decidiu deixar suas memórias.